

## A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COMO RITO PRELIMINAR DE PASSAGEM: SUA IMPORTÂNCIA CLÍNICA

André Luiz Picolli da Silva\*  
Dulce Helena Penna Soares#

**RESUMO.** Este estudo se propõe a analisar a orientação profissional como uma perspectiva de trabalho mais ampla. Os autores demonstram que a orientação profissional pode, dentro de uma abordagem clínica, ser entendida como uma representação moderna dos antigos rituais de passagem, servindo como elemento auxiliador no amadurecimento do indivíduo, que parte do "mundo infantil", visando à entrada no "mundo adulto". A orientação profissional pode ter a função de atuar como um ritual moderno, objetivando a promoção da saúde, e permitindo ao jovem vivenciar experiências primordiais que gradativamente foram sendo postas de lado pela civilização.

**Palavras-chaves:** rito, orientação, profissão.

## VOCATIONAL GUIDANCE AS A PRELIMINARY RITE OF PASSAGE: ITS CLINICAL IMPORTANCE

**ABSTRACT.** This paper intends to analyze the practice of vocational guidance in a larger work perspective. The authors show how vocational guidance can, in a clinical approach, be understood as a modern representation of old rites of passage, and it also helps the maturation of the individual, who aims to leave the "world of childhood" for the "adult world". Vocational guidance can function as a modern rite promoting health and allowing the teenager to have experiences that have been discarded by Western civilization.

**Key words:** rite, guidance, vocational.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para a formação teórica dos orientadores profissionais, explanando a visão dos autores em relação à orientação profissional. Para tanto, foram tomados como base os trabalhos realizados no LIOP (Laboratório de Informação e Orientação Profissional) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Demonstraremos como este tipo de intervenção pode ser útil na elaboração dos conflitos vivenciados pelos jovens quando estes passam pelo angustiante momento da escolha profissional. Utilizamos para a elaboração deste trabalho a linha de pensamento

de Bohoslavsky (1977/1998), que defende a utilização da O. P. através de uma abordagem clínica.

Buscaremos identificar de que forma a compreensão dos fenômenos conhecidos como ritos de passagem pode ser útil na realização de trabalhos de orientação profissional e vice-versa. Acreditamos que uma sociedade tão carente de simbolismo dessa ordem (formais) como a nossa, acaba "criando", através dos recursos disponíveis, outras formas de "cristalizar" seus aspectos mais subjetivos, tão necessários para o desenvolvimento ontogênico do indivíduo. Dessa forma, entendemos hoje a orientação profissional como um ritual moderno, cujo objetivo

---

\* Formando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2001. Estagiário do LIOP.

**Endereço para correspondência:** Rua Barra Velha, 141 - Bela Vista I, Cep 88110-160, São José-SC. E-mail: kuluzan@hotmail.com

# Coordenadora do LIOP e Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Psicologia Clínica na França. Presidente da ABOP – Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, na gestão 97/99.

principal é facilitar a transição do indivíduo do "mundo infantil", para o "mundo adulto".<sup>1</sup>

### METODOLOGIA DE TRABALHO NO LIOP

Os trabalhos de orientação profissional realizados pelo LIOP se desenvolvem obedecendo a determinadas normas básicas. Os interessados dirigem-se ao SAPSI (Serviço de atendimento psicológico), da Universidade Federal de Santa Catarina, onde preenchem uma ficha de inscrição para o trabalho e se submetem a uma entrevista de triagem. Todo trabalho de orientação é realizado em grupos (apenas em alguns casos específicos se realizam trabalhos individuais), com o número de participantes variando entre 10 e 15 pessoas, sob a coordenação de dois orientadores. As reuniões dos grupos são realizadas uma vez por semana, num total de oito encontros, com duração de duas horas cada. Os encontros desenvolvem-se principalmente sob os três tópicos básicos propostos por Soares (1993), que são:

- . conhecimento de si mesmo;
- . conhecimento das profissões;
- . escolha propriamente dita.

Além das atividades desenvolvidas nos encontros semanais, sempre é solicitado aos orientandos realizarem outras atividades extragrupo, por três motivos básicos: propor ao jovem a continuidade do processo de reflexão em casa, otimizar o tempo disponível do grupo e motivá-lo a lançar-se na busca de informações sobre a realidade das profissões, o que o ajuda na vivência de sua autonomia em relação à escolha. No final dos oito encontros é feita uma entrevista devolutiva com o orientando, em que este recebe dos orientadores o *feedback* sobre o seu processo de orientação, sem jamais, no entanto, ser dada uma "resposta" sobre qual profissão ou área de trabalho ele deva seguir, sendo a escolha profissional realizada (ou não) unicamente pelo orientando.

<sup>1</sup> Gostaríamos apenas de esclarecer que ao longo deste trabalho utilizaremos a terminologia "Orientação Profissional" apenas por ser de conhecimento geral e de utilização corrente; entretanto, acreditamos na necessidade de uma reavaliação do termo "orientação". Visto não acreditarmos na figura do orientador profissional (o que nos remete a uma relação de poder e sabedoria quase absolutos), acreditamos, isso sim na figura de um facilitador de escolhas. Como afirma Soares (1993, p.12) "Facilitar a escolha significa participar auxiliando a pensar, coordenando o processo para que as dificuldades de cada um possam ser formuladas e trabalhadas."

### OS CONFLITOS DA ADOLESCÊNCIA

Graças aos estudos da antropologia comparada, percebemos que um dos principais problemas da adolescência na nossa cultura é que esta representa uma ruptura, ou seja, ela é a marca de um desenvolvimento descontínuo. Em um dado momento da vida o jovem passa por uma fase em que praticamente "não é". Assim, ele não é tão novo para ter atitudes de criança, nem tão velho para ter atitudes de adulto. Portanto a adolescência é, sobretudo, um momento de angústias, pois o jovem não sabe ao certo qual o seu papel (lugar) social. Além disso, não podemos esquecer que é na adolescência que ocorre a morte da criança para o nascimento do adulto, ou seja, é ela uma fase específica de transição, de passagem, onde aparece uma oportunidade de crescimento, mediante a elaboração de um **luto**, elaboração essa que é facilitada nas culturas por meio dos ritos, como será visto mais à frente.

A adolescência é na realidade a fase seguinte ao período de latência. É o momento (principalmente pela mudança hormonal ocorrida nessa época, que culmina com o aparecimento das características sexuais secundárias) no qual a sexualidade se torna novamente intensa. No entanto, devido à constante repressão social, essa sexualidade não é plenamente respeitada em seu desenvolvimento, sendo mais um fator de angústia para o jovem, que acaba "realizando-a" principalmente através de sublimações e compensações - também reprimidas, por não se afastarem por completo dos conteúdos sexuais - como, por exemplo, a masturbação.

Além disso, o adolescente ainda passa por uma segunda elaboração da conflitiva edípica; só que nesse segundo momento de elaboração, o adolescente já possui os órgãos sexuais desenvolvidos, o que possibilitaria a realização de suas fantasias incestuosas. No entanto, como seu superego também já está bem desenvolvido, ele "voluntariamente" desvia suas pulsões do âmbito familiar para o social, evitando assim o tabu do incesto. Dessa forma observa-se, nesse momento, que o adolescente começa a buscar um "lugar social" onde possa se manifestar e ser tratado como um igual, surgindo então os grupos, as patotas, as galeras, etc. Assim sendo, é ali (nos grupos) que o adolescente encontra o lugar no qual pode trabalhar suas angústias (do luto do corpo infantil, da insegurança do mundo adulto, da ansiedade sexual, etc.). Tal característica (formação de grupos) pode (e deve) ser aproveitada como recurso para auxiliar o jovem nesse momento de transição, sendo a sua utilização de grande eficiência na orientação profissional.

## A PROFISSÃO

Em nossa sociedade o trabalho tem uma conotação bastante ambígua. Pode ter um caráter punitivo para o indivíduo: “Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto”, ou um caráter estruturador do sujeito: “O trabalho dignifica o homem”. Nesse momento, não queremos discutir qual seja a percepção do trabalho em nossa sociedade, pretendemos apenas reafirmar que este é um dos eixos de nossa civilização.

Não obstante, cada vez mais, apenas o trabalho em si não é suficiente para estruturar um indivíduo. Ninguém mais quer ser um trabalhador, todos buscam ser, ao em vez disso, profissionais. Assim ao longo da história o trabalho foi perdendo espaço para a profissão, tanto que soa estranho aos nossos ouvidos se falarmos em “orientação para o trabalho”, ao invés de “orientação profissional”.

Afinal, o que é uma profissão? O que significa essa palavra? Segundo o dicionário Aurélio, o significado de profissão é: atividade ou ocupação especializada, e que supõe determinado preparo; um ofício que encerra certo prestígio pelo caráter social ou intelectual, ou meio de subsistência remunerado, resultante do exercício de um trabalho, de um ofício.

Mediante essas definições, fica evidenciado ser a profissão mais que um agrupamento de técnicas utilizadas com a finalidade de garantir a subsistência. A profissão vem acompanhada de um *status* social, servindo em nossa sociedade como um diferenciador, um identificador de papéis sociais, até de uma opção de vida, quer tenha sido escolhida conscientemente quer não. Como em um dado momento de nossas vidas, todos temos de “optar” por uma profissão, nada melhor do que participarmos nesse período de uma orientação profissional, que nos auxilie nessa escolha. Tal orientação é dividida por Bohoslavsky (1977/1998) em duas modalidades distintas: A estatística e a clínica. Quanto à primeira, “Para os psicólogos situados nessa posição, o jovem que deve escolher uma carreira ou um trabalho pode ser assistido por um psicólogo, se este, uma vez conhecidas as aptidões e interesses do cliente, puder encontrar entre as oportunidades existentes, aquelas que mais se ajustem às possibilidades e gostos do futuro profissional.” Quanto à segunda: “A escolha de uma carreira e um trabalho pode ser auxiliada se o jovem conseguir assumir a situação que enfrenta e, ao compreendê-la, chegar a uma decisão pessoal responsável.”

### VESTIBULAR, UM RITUAL DE PASSAGEM?

Muitos autores defendem a existência de alguns elementos que ocorrem em todas as culturas,

independentemente do lugar e do tempo. Um exemplo desses elementos seriam os rituais de passagem, que variam nas suas formas de manifestação, mas que ocorrem sempre, sendo apenas, em algumas sociedades, realizados de forma bem marcada, e em outras de uma maneira mais sutil. Os rituais ou ritos de passagem são situações marcadas por uma certa solenidade e ou formalidade, e representam o transpor de uma barreira, ou seja, a passagem ou deslocamento de um estado ou "mundo" para outro, mais profundo e amadurecido. Segundo Gennep citado por Oliveira (2000, p.29),

Todos os rituais de passagem apresentam três fases: separação, limiar e agregação. A fase de separação abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições sociais ou ambos. A fase limiar é uma etapa transitória, um estar no meio entre posições. A fase de agregação finaliza a passagem.

Para Teixeira (1981), o rito de passagem da fase criança para a de adulto em nossa cultura também se dá nesse molde. A fase de separação se iniciaria no final do ensino médio, quando os estudantes começam a ser afastados do convívio social para se dedicarem ao estudo para o vestibular. A limiaridade seria o período que vai do final do ensino médio até a divulgação do resultado do exame vestibular, finalizando com a fase da agregação, que vai da matrícula na universidade até os primeiros meses de aula (isto para os que passam no vestibular). Para Teixeira, o vestibular não é exatamente um ritual de passagem, mas sim, uma barreira social que foi ritualizada.

A psicologia analítica também contribuiu grandemente para a compreensão do desenvolvimento psíquico aliado às questões dos ritos. Dentro desta perspectiva, constata-se que, diferentemente de outras culturas ditas primitivas, nossa sociedade possui poucos (ou praticamente não possui) rituais de iniciação, o que contribui para a desorganização da subjetividade de seus integrantes. Dessa forma, é mais difícil saber quando deixamos uma condição social e passamos a outra. “Nas sociedades tradicionais, existem definições padronizadas para o que constitui o que chamamos de psicologia do menino e psicologia do homem... durante séculos de civilização ocidental, quase todos os processos ritualísticos foram abandonados ou se desviaram por canais mais estreitos e menos energizados, para os fenômenos que hoje

chamamos de pseudo-iniciações.” (Moore & Gillette, 1993, p.2).

Em nossa sociedade, uma dessas pseudo-iniciações é o vestibular, pois mesmo ao passar por ele, muitos adolescentes não se sentem adultos. Como o adolescente não está suficientemente consciente de si (de seus desejos), não consegue realizar a elaboração necessária para passar por esse “ritual”, que lhe possibilitaria uma oportunidade de crescimento (amadurecimento). Vemos a O. P. como uma oportunidade clínica para o auxílio a esse crescimento, sendo o grupo de O. P. um pré-ritual (como será visto mais à frente), ou um ritual específico de preparação, em que, através da revisão de si mesmo, o jovem prepara-se psicologicamente para a escolha (não necessariamente do vestibular), semelhantemente ao que ocorre em sociedades “primitivas” quando se prepara o jovem guerreiro para a sua primeira batalha ou caçada.

Levinsky citado por Oliveira (2000, p. 28) afirma que “Os rituais de passagem na adolescência visam marcar a ruptura dos jovens com seus laços domésticos e consagrar a saída da vida restrita à família para a vida comunitária.” Em nossa cultura, o vestibular ainda é visto como marco principal desse evento. Entretanto, como foi observado anteriormente, os processos ritualísticos de nossa sociedade foram ao longo do tempo sendo “desenergizados”, culminando em pseudo-rituais. Dessa forma, vemos o vestibular como um desses pseudo-rituais, não somente porque na maioria das vezes é realizado de forma alienada, mas principalmente devido ao fato de o jovem, mesmo depois de ter passado por ele, permanecer em simbiose com a família, pois continua dependente sendo sustentado ainda por alguns anos.

Concordamos com Teixeira (1981), quando este afirma ser o vestibular uma barreira ritualizada, e não um ritual de passagem, visto que a maioria dos que prestam exames vestibulares são barrados no acesso ao ensino superior, devido ao número insuficiente de vagas, mesmo tendo obtido um bom índice de aproveitamento. Este fato jamais ocorreria em um verdadeiro ritual de passagem. “É exatamente na não classificação, ou na não autorização da passagem para quantos apresentem as condições que o ensino superior pressupõe, que se configura a dimensão da barreira social ritualizada do vestibular. Assim ele impede o acesso a um recurso estratégico para a ascensão social.” (Teixeira 1981, p.1580).

Assim sendo, qual seria então um verdadeiro ritual de passagem dentro de nossa sociedade? O vestibular, como foi demonstrado, apresenta falhas. No entanto o vestibular como um todo traz muitos

elementos dos rituais, como, por exemplo: a fase de separação e da limiaridade, falhando apenas na parte da agregação. Entendemos, dentro de nossa perspectiva de trabalho, que tal agregação somente ocorre após a escolha profissional, quando o jovem, aos poucos, vai “encarnando” o perfil do profissional escolhido, sendo, destarte, um processo bem mais longo e contínuo. Por tal razão acreditamos que o verdadeiro ritual de passagem ocorre na incorporação da escolha profissional, pois o indivíduo compreende sua nova posição diante do mundo e prepara-se para uma vivência mais amadurecida nele, devido ao fato de ter acabado de realizar o sacrifício e o luto do seu “eu” infantil<sup>2</sup>. Entendemos então, que a O. P. funciona como um pré-ritual, ou um rito preliminar.

#### **A O. P. COMO RITO PRELIMINAR: SUA IMPORTÂNCIA CLÍNICA**

Ao falar sobre ritos de passagem, Genep (1977) prefere cristalizar a idéia em exemplos materiais a fim de facilitar sua compreensão. Para o autor, fica mais fácil evidenciar tais acontecimentos observando-se, por exemplo, os limites fronteiriços entre países. Tais linhas (as fronteiras), em verdade, existem apenas nos mapas. Para fixar os limites entre um e outro país, foram construídos marcos ou postos, com o objetivo de marcar e controlar a entrada e saída das pessoas. Genep(1977) coloca que não vai longe o período em que a passagem de um domínio senhorial para outro era acompanhada por toda uma série de formalidades de ordem política, jurídica, econômica, e mágico-religiosa. De certo modo, tais formalidades permanecem até os dias atuais, quando temos a necessidade de possuir um carimbo em um passaporte, que serve como um salvo-conduto, para transitarmos livremente em um país estrangeiro.

As civilizações, clãs e tribos do passado tinham seus territórios próprios muito bem delimitados com fossos, paliçadas, rios, montes, etc. além desses territórios, havia outros, não tão bem delimitados: áreas de caça, fúnebres ou de cerimônias religiosas, geralmente demarcadas apenas com algum tipo de ritual de consagração.

<sup>2</sup> Tal observação é importante, para evitar que a O.P. acabe se transformando numa orientação para o ingresso em universidades, pois como afirma Teixeira (1981), a universidade não é uma realidade para todos, e não necessariamente o amadurecimento pessoal e a satisfação profissional passam pelos bancos do terceiro grau.

Pela colocação ou fixação cerimonias dos marcos ou dos limites (charrua, pele de animal cortada em correias, fosso, etc.), um espaço determinado do solo é apropriado por determinado grupo, de tal maneira que, sendo estrangeiro, penetrar nesse espaço reservado é cometer um sacrilégio, do mesmo modo que, sendo profano, penetrar em um bosque sagrado, em um templo, etc. (Gennep 1977, p. 34).

Desse modo, temos então uma área central bem delimitada, onde vivia uma determinada comunidade, e outra área limiar ou marginal que, embora não tão bem delimitada, pertencia ao domínio desse povo. Para mais além, havia ainda uma "zona neutra", onde existia o desconhecido, que poucos se aventuravam a desvendar. Todo estrangeiro vindo dessa "zona morta" era algo estranho, logo um perigo em potencial; por esta razão, para que esse estrangeiro pudesse passar pela área-limite da comunidade, ele deveria se submeter aos ritos específicos daquela, purificando-se de todo o "mal" que "trazia de fora". Para Gennep, tais ritos não ocorrem somente do ponto de vista macro (fora da sociedade), mas também do ponto de vista micro (dentro da sociedade), como por exemplo, os pequenos rituais de entrada ou travessia da porta de uma casa, que ocorrem em várias culturas. Segundo Gennep, atravessar a soleira de uma casa é ingressar num novo mundo, por isso, muitas sociedades desenvolveram pequenos rituais (que praticamente passam despercebidos no cotidiano), não só a fim de preparar o indivíduo para o ingresso nesse novo mundo, mas sobretudo para "desligá-lo" do anterior:

O pórtico-tabu-de-passagem torna-se neste caso a poterna das muralhas, a porta de muros de bairro, a porta da casa. Vê-se assim o caráter sagrado localizar-se não somente no limiar, sendo igualmente sagrados os lintéis e a arquitrave. A moldura inteira da porta forma um conjunto, e se os ritos especiais são diferentes, isso acontece por motivos técnicos imediatos... os ritos da soleira não são, por conseguinte ritos de aliança propriamente ditos, mas ritos de preparação para a aliança, os quais são procedidos por ritos de preparação para a margem. Proponho, por conseguinte, denominar ritos preliminares os ritos de separação do mundo anterior, ritos limiares os ritos executados durante o estágio de margem e ritos pós-liminares os ritos de agregação ao novo mundo. (Gennep 1977, p.36, 37)

Trazendo para a nossa realidade da orientação profissional, constatamos que a O. P. (nos moldes realizado pelo LIOP) realiza essa função de ritual

preliminar, pois atua auxiliando o jovem tanto na parte do desligamento do mundo infantil, mediante o trabalho no conhecimento de si mesmo, como no auxílio à entrada no mundo adulto mediante o trabalho de conhecimento das profissões e da escolha propriamente dita).

Em nossas atividades práticas de O. P. realizadas com grupos de adolescentes, evidenciamos claramente muitos elementos que demonstram a dimensão ritualística desse trabalho, principalmente no tocante a um ritual preliminar, como já mencionado. "O controle do ritual se faz através de dois elementos. Um é o espaço sagrado e o outro é o ancião, o "velho sábio" ou a "velha sábia" em que o iniciado confia totalmente e que pode conduzi-lo nessa passagem, entregando-o (a) intacto (a) no final." (Moore & Gillette, 1993, p.6).

Dessa forma, observamos que, simbolicamente, a sala onde ocorre o encontro do grupo de O. P. e do próprio grupo, representa o "espaço sagrado" onde o adolescente espera ser conduzido por um velho (a) sábio (a), representado pelo psicólogo (a). Este espaço ritual coordenado por um ancião sábio objetiva auxiliar, ao invés de cobrar (como faz a maioria dos adultos), permitindo ao adolescente baixar suas defesas e explorar-se melhor. Como o adolescente se sente seguro nesse espaço sagrado, ele tem a liberdade de retomar seus desejos e fantasias para ensaiá-los numa espécie de atividade lúdica. Nos grupos realizados pelo LIOP, as atividades desenvolvem-se numa espécie de jogo, onde se pode optar por vários papéis, sem a obrigação de fixar-se em nenhum. Devido a essa segurança que proporciona uma entrega, o adolescente adquire maior consciência de si, favorecendo sua posterior escolha, e o "contato com aspectos mais íntimos" contribui para um autoconhecimento mais profundo:

Podemos dizer que, a maior razão para o aparecimento de problemas emocionais é a tensão e ansiedade causada pela mudança abrupta de papéis, que devem ser tomados. Como já foi citado anteriormente, a presença de um grupo neutro, onde o adolescente possa experimentar várias situações sem uma cobrança social, proporciona uma maior tranquilidade para o treinamento adaptativo. No jogo existe a projeção do jogador no seu personagem, e este se lança a aventuras que na vida real, seria muito arriscado para ele. Dessa maneira o jogador se incorpora no personagem, e ao mesmo tempo se protege das frustrações nele. O jogo pode ser uma forma de expressão para o adolescente. Pois através deste, ele pode experimentar vários

papéis, várias realidades, tendo no fundo seu ego preservado, pois este (o adolescente) esconde-se atrás do personagem (Carneiro & Silva, 1999 p.258).

Outra constatação feita, a qual cristaliza a idéia de que o grupo de O. P. é visto inconscientemente pelo adolescente como um grupo ritual, é a freqüente insistência por um "símbolo de poder", uma "poção mágica" que lhe dê forças para realizar essa passagem de fases. Atualmente este símbolo de poder é cristalizado nos testes vocacionais. Num sentido quase atávico, o adolescente projeta suas fantasias sobre os testes, vendo-os como uma espécie de vara de condão de sua fada madrinha, que através de um passe de mágica lhes mostrarão "quem são", e "para que servem". Na experiência prática, é bem evidenciado o poder do teste sobre os jovens, o que pode ser útil para o "velho (a) sábio (a)" coordenador do grupo, que pode utilizá-lo, não como veículo de uma resposta definitiva, mas sim como um recurso didático, um elemento a mais para auxiliar o jovem na sua autopercepção<sup>3</sup>.

Até o presente momento, acreditamos ter demonstrado que o trabalho de O.P. vai além da informação profissional aliada à "descoberta de capacidades pessoais," feita por profissionais de olhar seletivo, ou à simples reflexão sobre o que é o trabalho e sua relação com o sujeito. Se aliarmos os conhecimentos da antropologia, história e filosofia (e outros) ao conhecimento da psicologia, constatamos que a O. P. pode trabalhar com conteúdos muito mais profundos da subjetividade humana.

Segundo Campbell (1999, p.86), "O ritual é o cumprimento de um mito". Assim, podemos compreender o rito como representação física de uma manifestação mítica. Neste sentido, quando observamos o momento histórico de um adolescente entre os seus 16 a 20 anos, constatamos que este, utilizando uma linguagem analítica, está identificado com o arquétipo do mito do herói. Ele deve deixar de ser "infantil", sair da casa paterna, realizar um feito grandioso, e conquistar através de uma proeza seu lugar no mundo externo como um adulto (no sentido psicológico e social).

Evoluir dessa posição de imaturidade psicológica para a coragem de auto-reponsabilidade e confiança exige morte e ressurreição. Esse é o motivo básico do périplo universal do herói - ele abandona

<sup>3</sup> Apesar de não sermos contrários à utilização de testes na orientação profissional, nos trabalhos desenvolvidos pelo LIOP, evitamos a utilização desse recurso, por uma questão metodológica.

determinada condição e encontra a fonte da vida que o conduz a uma condição mais rica e madura (Campbell 1999,p.132).

Uma coisa é comum a todos os jovens que nos procuram para o trabalho de O.P.: o sentimento de angústia vindo da insegurança de não saber o que fazer. Essa angústia e insegurança freqüentemente tomam a roupagem de um medo que paralisa o adolescente, de tal forma que o impossibilita de resolver, muitas vezes, até as questões mais simples, como responder à pergunta: o que você gosta de fazer? Acreditamos, de acordo com nossas observações empíricas, ser esse medo causado não só pelo desconhecimento do mundo, mas sobretudo pelo desconhecimento de si.

Como o adolescente nesse momento da sua vida "entra em contato" com uma grande quantidade de conteúdos psíquicos, acaba assustando-se com a imensidão (e intensidade) do que vivencia, o que faz com que tente "abafar" (por medo) tais manifestações. Isto resulta num bloqueio de grande proporção, onde o jovem nega os conhecimentos que tem de si mesmo, não só no sentido psicológico, mas também no biológico, por exemplo na repressão de sensações/excitações corporais por vergonha, ou falta de ajustamento social, o que faz em alguns casos com que busque um quase anulamento (evitando de "aparecer" já que não sabe que papel assumir), chegando ao ponto de não conseguir definir nem mesmo aquilo de que gosta.

Este fenômeno faz levantar a suspeita de que a apatia, comum na adolescência, tem raízes no medo de um contato direto com as forças que emergem do interior do jovem. "A meta da descida do mito do herói é caracterizada de um modo geral pelo fato deste aventurar-se numa região perigosa (águas abissais, caverna, floresta, etc.) onde poderá encontrar o 'tesouro difícil de ser alcançado' (tesouro, virgem, elixir da vida). No fundo, o medo e a resistência que todo ser humano experimenta em relação a um mergulho demasiado profundo em si mesmo é o pavor da decida ao Hades." (Jung, 1990, p.347). Tal afirmação se confirma nos trabalhos, quando o adolescente aceita a orientação do psicólogo como "guia" numa viagem em direção ao seu autoconhecimento, semelhantemente a muitos mitos de heróis que são conduzidos, treinados e educados por aqueles que já conhecem o caminho, mas que não participaram de sua missão, pois estes (os heróis) sabem que tal evento deve ser realizado por ele sozinho.

Fica clara não só a importância, mas sobretudo a dimensão da psicologia clínica no tangente à orientação profissional. Tal trabalho é realizado justamente no ápice

de um período de transição, de crise. Se o profissional que o está coordenando souber criar um “*setting*” adequado, obterá ao final do processo não apenas a escolha de uma profissão, o que na verdade não é o objetivo principal da O. P.<sup>4</sup>, mas a elaboração de uma importante etapa para o amadurecimento do indivíduo, um crescimento do ser. O que em última análise, é a finalidade primordial da psicologia, tanto na clínica como em qualquer outra área.

### A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COMO PSICOPROFILAXIA

Ao longo deste trabalho, demonstramos quanto a O.P. não se restringe apenas ao fenômeno da escolha da profissão, mas pode servir como fonte de recursos para a elaboração e transcendência de conflitos, enfim de crescimento pessoal. O trabalho da O. P., se bem conduzido, abre portas para que o indivíduo reveja seus conceitos sobre si, o mundo e a vida. Assim sendo, este trabalho tem uma característica clínica muito presente, embora não deva ser confundido com uma intervenção psicoterápica.

Podemos dizer em linhas gerais que a psicologia clínica tem como principal objetivo estabelecer o equilíbrio do indivíduo, o que pode ser traduzido por promoção de saúde (física, mental e espiritual). Sabe-se que o trabalho preventivo é preferível ao paliativo; portanto a O.P. situa-se em um lugar privilegiado, pois trabalha com as escolhas do indivíduo, ou seja, na sua base. Assim o trabalho de O. P. é também um trabalho preventivo de psicoprofilaxia, buscando o bem-estar geral do indivíduo. “A psicoprofilaxia pode ser entendida como toda atividade que, a partir de um plano de análise psicológica e mediante o emprego de recursos e técnicas psicológicas, procure promover o desenvolvimento das potencialidades do ser humano, seu amadurecimento como indivíduo e, finalmente, sua felicidade. (Bohoslavsky, 1998, p.11).

Para finalizar, acreditamos que em nossa cultura o vestibular, a entrada em uma universidade, ou mesmo a escolha profissional como é realizada hoje, não passam de pseudo-rituais, pois tais manifestações ocorrem de forma completamente “desenergizada” (psiquicamente) para a maioria das pessoas. Acreditamos que a O.P., principalmente nos moldes como é realizada no LIOP,

contribui para uma possível reenergização, e “incorporação de forças”, que ajuda o indivíduo a realizar seu próprio rito de passagem, ou seja, a incorporação consciente de uma escolha profissional.

Assim, encerramos este trabalho com uma citação de Campbell (1994, p.275), que demonstra a impossibilidade da separação do conhecimento psicológico das outras formas de conhecimento humano, quando o objetivo final é produzir a saúde e a integração do homem. “Porém, sabemos que na Índia, já no século XIX A.C. uma interpretação essencialmente psicológica foi dada às imagens de todos os mitos e rituais. Nas palavras do Brihadaranyaka Upanishad, “Aquele que venera outra divindade que não seja a sua própria, pensando, ele é um eu sou outro, nada sabe”.

### BIBLIOGRAFIA

- Bohoslavsky, R. (1998). Orientação vocacional e estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1977).
- Campbell, J. (1999). O poder do mito. São Paulo: Palas Athena.
- Campbell, J. (1994). A imagem mítica. São Paulo: Papirus.
- Carneiro, C. de A. & Silva, A. L. P.. (1999). Realidade e abstração: o adolescente e o R.P.G..[Resumo] Em Anais da VII semana de pesquisa da UFSC (p.258). Florianópolis: editora da UFSC.
- Gennep, A. V. (1977). Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1990). Psicologia e alquimia. Petrópolis: Vozes.
- Moore, R. & Gillette, D. (1993). Rei, guerreiro, mago, amante. Rio de Janeiro: Campus.
- Oliveira, I. D. (2000). De quem é o vestibular? A mãe frente à diferenciação do filho. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Soares, Dulce H. P. (Org.). (1993). Pensando e vivendo a orientação profissional. São Paulo: Summus.
- Teixeira, S. A. (1981). Vestibular, ritual de passagem ou barreira ritualizada? Ciência e cultura. 33 (12), 1574-1580.

Recebido em 05/09/2001

Revisado em 30/10/2001

Aceito em 08/11/2001

<sup>4</sup> Em nossa concepção, o objetivo maior da orientação profissional é fazer com que o indivíduo desenvolva um maior nível de consciência de seus desejos e necessidades, bem como a capacidade de lutar e de se responsabilizar por suas escolhas.

